



Educação: um atalho para geração de riqueza

O Brasil manteve, no último decênio, uma taxa de crescimento médio anual do PIB (Produto Interno Bruto) da ordem de 3,6%. Algumas condições foram essenciais para a obtenção desse número: a estabilidade monetária (com manutenção da inflação anual em um dígito porcentual), aprimoramento das instituições democráticas, aprovação da Lei de Responsabilidade Fiscal, dentre outras.

Também cabe ressaltar dois fatores que contribuíram para o crescimento brasileiro - a expansão dos mercados externo e interno. No flanco externo, a forte demanda mundial por “commodities” (produtos primários como minérios, soja, petróleo) elevaram significativamente as exportações brasileiras. Para este ano, o Ministério da Indústria e Comércio trabalha com projeção de US\$ 257 bilhões em exportações, contra US\$ 201,9 bilhões em 2010. Representa um avanço no biênio de 30% em valores correntes. Até aqui tudo muito bonito.

Porém, se analisarmos minuciosamente a composição das nossas exportações, perceberemos algumas características que, no longo prazo, poderão comprometer o próprio crescimento do país. A pauta das exportações brasileiras está centrada em produtos primários (ou “commodities” como os economistas costumam falar), respondendo pela metade das nossas exportações (mais precisamente 47,5%). Aqui, matérias-primas como minérios, soja e petróleo ocupam os primeiros lugares nas trocas com nossos parceiros comerciais. Esses produtos são finitos (exceto a soja que é cultivada), ou seja, algum dia nossas reservas de petróleo e minérios estarão esgotadas.

Pesquisas realizadas por instituições de comércio exterior indicam que, em média, para cada US\$ 100,00 vendidos ao consumidor final, 25% referem-se a custos de produção, ficando o restante, portanto 75%, distribuídos entre logística, “marketing”, pesquisa & desenvolvimento, além do lucro da empresa.

Atividades como logística, “marketing” e pesquisa & desenvolvimento geram riqueza, pois agregam valor ao produto primário. Nessas atividades, profissionais qualificados são primordiais para o alcance de níveis crescentes de produtividade, na medida em que novas tecnologias tornam as organizações (sejam elas estatais ou privadas) mais competitivas no mercado global.

Nesse cenário, um sistema educacional de qualidade emerge como a mola mestra de países exportadores de novos produtos/tecnologias. As nações protagonistas do século XXI não serão aquelas detentoras de grandes reservas de recursos naturais, mas sim aquelas formadoras de indivíduos capacitados e produtores de conhecimento.

Como exemplo, citamos os casos da Coreia do Sul, Singapura e Finlândia (e, mais recentemente, a China), que enxergaram nesse contexto uma oportunidade de desenvolvimento de longo prazo, por meio de investimentos maciços e bem geridos em educação.

Ao Brasil cabe a reflexão da finitude dos seus recursos naturais, *vis-à-vis* os benefícios que podem ser auferidos através da oferta de uma educação de qualidade aos seus cidadãos.